

# MIGRAÇÃO, INDÚSTRIA E CIDADE MÉDIA

Denise Cristina Bomtempo<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este artigo tem como objetivo discutir os novos movimentos migratórios atrelados à atividade industrial desenvolvida nas cidades médias. Para tanto, o recorte será dado à migração de trabalhadores industriais, vinculados ao ramo alimentício de consumo final, no qual exercem suas funções laborais na cidade de Marília/ SP. Dada a configuração de redes técnicas materiais e imateriais e a elaboração de políticas setoriais, a produção industrial tem se dispersado pelo território, gerando assim movimentos de capital, de mercadoria, de informações e de trabalhadores. Cada vez mais, notamos que as cidades médias têm se inserido em circuitos produtivos complexos, em que as relações inter e multiescalares são desenhadas entre os agentes vinculados às diversas fases da produção globalizada. Tais movimentos geográficos necessitam ser lidos na perspectiva de compreender as novas dinâmicas territoriais em curso no período atual.*

**PALAVRAS-CHAVE:** migração, indústria, cidade média, trabalho, Marília.

## MIGRATION, INDUSTRY AND MIDDLE CITY

**Abstract:** This article aims to discuss the new migratory movements linked to industrial activity developed in medium-sized cities. Therefore, the cut will be given to the migration of industrial workers, linked to the food sector final consumption, which exert their functions in labor Marília/SP. Given the configuration of technical material and immaterial networks and policy sector, industrial output has been scattered across the territory, generating movements of capital, goods, and information workers. Increasingly, we find that medium-sized cities have been inserted into productive complex circuits, where interpersonal relations are drawn between multiscale and tied agents the several phases of globalized production. Such geographical movements need to be read in order to understand the new territorial dynamics underway in the current period.

**KEYWORDS:** migration, industry, middle city, work, Marília.

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2011. Bolsista Desenvolvimento Científico Regional da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: denibomtempo@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar possibilidades de interpretação das novas dinâmicas territoriais vinculadas ao período atual, em que se evidencia a urbanização da sociedade. Nesse sentido, consideramos que múltiplas dimensões da realidade podem ser abordadas, todavia, nossa análise está fundamentada na discussão acerca da migração e das atividades econômicas, sobretudo industriais, desenvolvidas na cidade média.

O recorte temático, espacial e temporal está vinculado ao movimento produzido pela configuração de fluxos atrelados à mobilidade de trabalhadores que se desloca para atender às demandas das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília/SP.

Para realizar tal discussão, estruturamos o trabalho em três partes, mais esta introdução. Na primeira parte, a proposta é discutir noções gerais acerca da leitura das dinâmicas territoriais a partir da migração para o trabalho industrial nas cidades médias. Na segunda parte, com resultados empíricos, apresentamos o entrelaçamento escalar dos movimentos migratórios de trabalhadores da indústria alimentícia instalada na cidade de Marília/SP. Em seguida, teceremos as considerações finais da temática trabalhada.

## 2. MIGRAÇÃO, INDÚSTRIA E CIDADE MÉDIA: LEITURAS DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Partimos do pressuposto que a Geografia é uma ciência que tem por base o entendimento da organização do espaço e do território a partir das múltiplas dimensões, representadas por Santos (1999) como *verticalidades* e *horizontalidades*. O espaço dominado por relações de verticalidades é aquele normatizado pelas corporações que nele atuam, por outro lado, o espaço das horizontalidades contempla as relações de proximidade, vivência e ações contíguas entre os sujeitos e as instituições.

Diante de tal contexto, nossa proposta de análise da atividade industrial desenvolvida em cidades médias contempla entender a

organização e as características da própria indústria, das instituições (públicas e privadas), das associações, das empresas prestadoras de serviço envolvidas com a atividade industrial e também o perfil dos trabalhadores formais. Entendemos que a análise dos trabalhadores enquanto consumidores e sujeitos sociais é extremamente rica e permite-nos entender as múltiplas dimensões e escalas que uma cidade média industrial contempla. No entanto, para este texto, restringiremos a análise para os fluxos migratórios materializados na cidade de Marília, nosso recorte empírico.

Para nós, o período atual, em que predomina a dispersão das atividades econômicas no território, favorecidas por um lado pela ampliação das redes técnicas materiais e imateriais que intensificam o fluxo de mercadorias, informações e força de trabalho, e por outro, a atuação de agentes que atuam em múltiplas escalas, necessita de análises com vistas à produção de novas interpretações. O estudo dos movimentos migratórios presentes em cidades médias é um exemplo dos novos processos em curso no Brasil, pois de acordo com Andrade et. all (2000), até a década de 1980 os fluxos migratórios mensuráveis no território brasileiro eram de grandes distâncias percorridas, em direção, sobretudo às metrópoles, já que eram cidades que concentravam e centralizavam grande parte dos empregos disponíveis nos setores da indústria, do comércio e dos serviços.

De acordo com Ramos (2011), o movimento de desconcentração industrial, iniciado em meados na década de 1970 a partir do Estado de São Paulo, proporcionou novas dinâmicas no que concerne à localização da atividade industrial, à expansão do comércio e serviços modernos e do agronegócio pelo território. Como consequência desse processo, houve uma maior “mobilidade espacial da força de trabalho” (GAUDEMAR, 1977 e BECKER, 1997) para lugares que até então eram reconhecidos como de partida da população, para centros urbanos mais dinâmicos, como é o caso das cidades pequenas, médias e de porte médio<sup>2</sup> do interior do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros.

---

<sup>2</sup> De acordo com Beltrão Sposito (2004), no Brasil são consideradas cidades de porte médio as que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, ou seja, o critério demográfico é o que define o porte dessas cidades. No que concerne às cidades médias, a autora afirma que são aquelas cuja classificação não se restringe ao tamanho demográfico, mas às mudanças no que se refere ao papel de intermediação que desempenham na rede urbana.

As respectivas cidades, no período atual, representam a emergência de novos processos engendrados no território e normatizados a partir de relações inter e multiescalar, por isso entender seu papel na rede urbana e na divisão territorial do trabalho faz-se necessário na medida em que temos como perspectiva apreender a totalidade dos movimentos.

De acordo com Silveira (2002, p. 11), os estudos sobre as cidades médias atualmente é de fundamental importância para entender a dinâmica do território, mas para tanto, *“é necessário considerar o papel das empresas, do Estado e da sociedade na construção de uma nova divisão territorial do trabalho e, ao mesmo tempo, o papel que o território e a cidade exercem sobre as novas formas de trabalho”*.

Para se fazer a análise tendo como perspectiva a totalidade, é fundamental considerar que ao longo do tempo o modo capitalista de produção, seleciona lugares para se concentrar e centralizar, gerando assim, dinâmicas econômicas e territoriais diferenciadas. Diante do exposto, acreditamos que o estudo das cidades médias não pode ser efetuado de maneira isolada. É preciso considerar os processos e as relações que se configuram entre os agentes, no espaço e no tempo, de maneira inter e multiescalar. Sendo assim, a análise da distribuição e da mobilidade de população em múltiplas escalas demonstra serem variáveis importantes que, somadas a outras, permite-nos entender as dinâmicas existentes no território, materializadas na escala da cidade média.

Para tanto, nossa discussão central perpassa pela compreensão da distribuição e da dinâmica populacional vinculada às cidades médias com predominância de atividades industriais. Desse modo, tomamos como referência a distribuição da população nas cidades sedes das Regiões Administrativas (RAs) do Estado de São Paulo.

Tais cidades, de acordo com Beltrão Sposito (2004) estão classificadas de maneira diferenciada no que tange às principais áreas urbanas do Estado<sup>3</sup>

<sup>3</sup>São Paulo - aglomeração urbana metropolitana; Campinas - aglomeração urbana metropolitana; São José dos Campos - aglomeração urbana não metropolitana; Sorocaba - aglomeração urbana não metropolitana; Ribeirão Preto - aglomeração urbana não metropolitana; Santos - aglomeração urbana não metropolitana; São José do Rio Preto - aglomeração urbana não metropolitana; Bauru - centro urbano não aglomerado; Franca - centro urbano não aglomerado; Marília - centro urbano não aglomerado; Presidente Prudente - centro urbano não aglomerado; Araraquara - aglomeração urbana não metropolitana; Araçatuba - aglomeração urbana não metropolitana; Barretos - não classificada; Registro - não classificada (BELTRÃO SPOSITO, 2004, p. 15).

e fazem parte de um mesmo projeto político de regionalização, elaborado durante a década de 1970, que tinha por objetivo dinamizar as regiões paulistas a partir do potencial local *a priori* existente.

No que concerne à distribuição da população, como podemos comprovar na Tabela 1, verificamos que no período de 1980 a 2010, a metrópole paulistana concentrava grande parte da população. Porém, no que se refere ao aumento dessa população, constatamos que o mesmo não se dá na escala da metrópole e sim em outras cidades da rede urbana paulista. Na década de 1980 a cidade de São Paulo concentrava um total de 34,12% do total de população do Estado. Este número diminuiu sucessivamente até o ano de 2010, pois neste ano, a margem de concentração populacional foi de 27,73%. Esse quadro de diminuição populacional esteve presente também em cidades como Campinas, Santos, Registro, Araraquara, Barretos, Bauru, Presidente Prudente e Araçatuba.

Por outro lado, cidades como São José dos Campos, Sorocaba, Ribeirão Preto, Bauru, Franca e Marília aumentaram ou permaneceram com o mesmo total de população no período compreendido. Dentre essas cidades, três são classificadas como *aglomerados urbanos não metropolitanos* (São José dos Campos, Sorocaba, Ribeirão Preto) e duas como *centros urbanos não aglomerados* (Franca e Marília).

O que revela essa nova distribuição da população no Estado de São Paulo, além da escala da metrópole e sua região metropolitana? Para nós, essa realidade é reveladora de que desde a década de 1980 o Estado de São Paulo, sobretudo as cidades sedes das RAs, ampliam seus papéis na rede urbana e na divisão territorial do trabalho, pois atualmente novas atividades fazem parte da realidade econômica de tais cidades. Outro argumento que contribui para que tal afirmação seja feita é que grande parte das cidades que tiveram aumento de população configuram-se enquanto “espaços urbanos não metropolitanos”<sup>4</sup> no território paulista (Marília, Franca, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto).

Essas cidades, diferentemente daquelas localizadas próximas à região metropolitana (Campinas, Sorocaba e São José dos Campos), não sofreram

---

<sup>4</sup> As discussões referentes aos espaços urbanos de um Brasil não metropolitano estão presentes nos estudos de Davidovich (1991); Lencioni (2004); Beltrão Sposito et all. (2007); Elias (2007).

impactos diretos da política de desconcentração industrial elaborada pelo Governo Estadual durante a década de 1970, pois de acordo com Lencioni (2006), o processo de desconcentração industrial paulista foi mais intenso no raio de extensão de 150 Km de distância da metrópole. Por outro lado, Pires (2009, p. 8) em sua análise sobre a distribuição do emprego industrial formal no Estado de São Paulo no período de 1998 – 2006, afirma que “[...] o ritmo do crescimento do (emprego industrial formal) foi constante em 20 Regiões de Governo além de 150 Km da capital São Paulo [...]”.

Pires (2009) contribui para afirmarmos que algumas cidades do interior paulista concentram atividades industriais que dinamizam e atraem população, haja vista o crescimento do emprego formal do ramo industrial e o aumento da população dessas cidades, sobretudo das cidades sedes das RAs.

A cidade de Marília, por exemplo, distante 443 Km da metrópole São Paulo, apesar do poder público municipal ter elaborado planos de atração de investimentos industriais, não recebeu em grande quantidade indústrias oriundas da metrópole e da região metropolitana. No que tange ao ramo alimentício, apenas duas unidades produtivas industriais foram transferidas para esta cidade no decorrer da década de 1980 e 1990. Isso demonstra também que a atividade industrial de Marília, tem um forte componente local que atrai investimentos de grupos industriais que atuam tanto na escala do território brasileiro como na escala global.

A mencionada cidade, juntamente com a cidade de Franca, é denominada como *centro urbano não aglomerado*. Elas cumprem papéis importantes no que concerne ao desenvolvimento de atividades ligadas ao ramo industrial. No Estado de São Paulo, Franca é considerado um *cluster* industrial de calçados de couro e se localiza a 398 Km da metrópole paulistana e, Marília, uma *aglomeração industrial*<sup>5</sup> do ramo alimentício, que se localiza, como afirmamos anteriormente, a 443 Km da metrópole. A atividade industrial do ramo alimentício desenvolvida em Marília é um forte componente que contribui para a dinamização e articulação dos

---

<sup>5</sup> Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo – Caracterização Regional do Estado de São Paulo a partir dos dados da RAIS, 2008. Ano da publicação: 2010.

territórios envolvidos na produção, circulação e consumo de produtos, informações e trabalhadores.

A mobilidade da força de trabalho pelos territórios de produção capitalista demonstra que as cidades estruturadas em rede centralizam papéis de maneira diferenciada. Isso de acordo com Santos (2007)<sup>6</sup> revela que [...] *“a atividade econômica e a herança social distribuem os homens desigualmente no espaço [...]”*.

TABELA 1: Total de população das cidades sedes das regiões administrativas do estado de São Paulo (1980, 1991, 2000 e 2010)

MUNICÍPIOS	1980	%	1991	%	2000	%	2010	%
São Paulo	8.493.217	34,12	9.646.185	30,53	10.434.252	28,17	11.253.503	27,73
Campinas	664.566	2,67	847.595	2,68	969.396	2,61	1.080.113	2,61
São José dos Campos	287.513	1,15	442.370	1,4	539.313	1,45	629.921	1,52
Sorocaba	269.888	1,08	379.006	1,19	493.468	1,33	586.625	1,42
Ribeirão Preto	318.544	1,27	436.682	1,38	504.923	1,36	604.682	1,46
Santos	416.677	1,67	428.923	1,35	417.983	1,12	419.400	1,01
São José do Rio Preto	188.599	0,75	283.761	0,89	358.523	0,96	408.258	0,98
Bauru	186.659	0,74	261.112	0,82	316.064	0,85	343.937	0,83
Franca	148.990	0,59	233.098	0,73	287.737	0,77	318.640	0,77
Marília	121.768	0,48	161.149	0,51	197.342	0,53	216.745	0,53
Presidente Prudente	136.849	0,54	165.484	0,52	189.186	0,51	207.610	0,50
Araraquara	128.122	0,5	166.731	0,52	182.471	0,49	208.662	0,50
Araçatuba	129.307	0,51	159.557	0,5	169.254	0,45	181.579	0,44
Barretos	72.768	0,29	95.414	0,3	103.913	0,28	112.101	0,27
Registro	39.109	0,15	48.953	0,15	53.752	0,14	54.261	0,13
<b>TOTAL SP</b>	<b>24.889.639</b>	<b>100</b>	<b>31.588.925</b>	<b>100</b>	<b>37.032.403</b>	<b>100</b>	<b>41.262.199</b>	<b>100</b>

FONTES: IBGE – Censo Demográfico – População Residente por sexo e situação de domicílio – 1980, 1991, 2000 e 2010. ORG.: BOMTEMPO, Denise Cristina. Agosto, 2009 e Junho de 2012.

<sup>6</sup> Original (1987).

No período atual, as políticas públicas com foco voltado à dinamização regional e ao desenvolvimento de redes de informações e transportes contribuem para que haja uma dispersão das atividades econômicas pelo território, bem como uma maior mobilidade de trabalhadores a fim de se inserir no mercado de trabalho, sobretudo formal. Muitas vezes o deslocamento ocorre para lugares que até a década de 1990 não eram focos de atração de mão de obra, já que cidades de diferentes portes foram inseridas nessa nova lógica produtiva, gerando assim novas dinâmicas e fluxos.

Para realizar tal discussão, tomaremos como exemplo, os movimentos migratórios vinculados à indústria de alimentos instalada na cidade de Marília – SP.<sup>7</sup>

### 3. OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA INSTALADA NA CIDADE DE MARÍLIA – SP

A cidade de Marília, sede da Décima Primeira Região Administrativa do Estado de São Paulo, de acordo com os dados do IBGE (2010), conta com uma população de 216.745 habitantes. De acordo com Zandonadi (2008) e Bomtempo (2011) esta cidade tem ampliado seus papéis do ponto de vista da centralização e concentração de atividades econômicas ligadas aos setores de serviços e também industrial. Estes papéis permitem que Marília articule com as demais cidades da rede urbana de maneira inter e multiescalar.

O ramo industrial alimentício de consumo final instalado nesta cidade teve sua origem vinculada à ação de agentes locais. Tal atividade se configurou antes mesmo do processo de desconcentração industrial, iniciado na metrópole paulistana na década de 1970. No entanto, a partir desse período, devido à expansão das indústrias locais, grupos de capital

---

<sup>7</sup> Poderíamos ampliar a discussão a partir de fluxos migratórios para trabalho industrial existentes em outras cidades médias de São Paulo e também de outros Estados, a exemplo do Ceará, Bahia, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais etc, mas para o momento trabalharemos apenas com o estudo de caso referenciado. Todavia, pretendemos aprofundar a temática por entender que ela permite compreender as novas dinâmicas em curso no território brasileiro.

nacional e transnacional foram atraídos para Marília. Tal processo dinamizou a economia urbana e os fluxos no que tange à mobilidade espacial da força de trabalho direcionada ao setor industrial.

Atualmente, os fluxos migratórios entrelaçados por Marília continuam dinamizados pela atração de mão de obra direcionada para a indústria alimentícia. Tais movimentos de população envolvem múltiplas escalas geográficas – intra regional, regional e nacional.

Os trabalhadores são oriundos de cidades pequenas da região administrativa polarizada por Marília, como também de cidades localizadas nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil. Um fato novo é que eles também se deslocam da metrópole paulistana para cidade média, tanto para desenvolver trabalhos que exigem qualificação profissional, como aqueles que não necessitam de qualificação.

No caso estudado, verificamos, a partir do depoimento dos entrevistados durante pesquisa empírica (2009, 2010), que a indústria localizada na cidade média permite que movimentos intra-regionais pendulares, de acordo com Francesconi (1978) característicos das metrópoles brasileiras até a década de 1970, sejam evidenciados. A cidade de Marília, até meados da década de 1990, atraiu trabalhadores das pequenas cidades da região que eram agricultores, e por conta da falta de uma política agrícola para essa parcela de trabalhadores, e ao mesmo tempo, a oferta de emprego nas indústrias, favoreceu a migração do campo para a cidade, como podemos constatar no depoimento de um dos entrevistados:

Eu vim com minha família de Lucélia. Eu trabalhava na roça com meus pais e irmão. Aí meu pai veio pra cá. Foi trabalhar como autônomo, como vendedor de pipocas, aí depois ele trabalhou durante uns seis anos na Sassazaki, aí depois teve uma época que a gente voltou pra Tupã, ficamos só três meses lá, aí ele trabalhou num frigorífico. Minha mãe sempre trabalhou no lar, e depois ele voltou, aí foi só como autônomo mesmo. Ele continuou vendendo pipocas até o último dia da vida dele. Primeiro, ele comprava fabricado, depois ele começou a fabricar. A canjica, todas essas coisas aí. Confeccionava doce, a paçoca, o quebra queixo, o manjar, doce de leite, a cocada. Ele tinha um ponto, que chamava (ponto de pipoca), aí ele vendia num carrinho de pipoca, e teve uma vez que ele montou uma frota de quatro carrinhos. E foi assim, até finalizar os dias dele. Aí ele faleceu em 1997. Comecei a trabalhar com 18 anos, foi em 1991. Na verdade, assim, eu comecei a trabalhar com 15, porque era na roça, foram

três anos de lavoura. Aí eu entrei em 1991 na Nestlé e tô até hoje (Trabalhadora da Nestlé, moradora do Jardim Alimentação I. Pesquisa de Campo, 2009).

Verificamos também que na década de 1980, além da migração campo – cidade intra-regional, a mão de obra atraída para trabalhar nas indústrias alimentícias de Marília provém de outros estados brasileiros, tais como Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais etc (Cartograma 1). Tal contexto materializa-se na fala dos sujeitos de nossa pesquisa:

Eu vim para Marília para ter uma vida um pouquinho melhor, todo nordestino tenta né. Uns conseguem, outros não, mas assim... É o que você mais deve ter ouvido falar na vida né, um nordestino que quer ter uma vida melhor em São Paulo, Rio de Janeiro. Mais porque falta de oportunidade lá e chuva né, falta de chuva é fundamental pra essas pessoas tentarem uma vida em outro lugar. Mas não porque não gosta de lá, falta de oportunidade e como o pessoal vem mais da lavoura lá no nordeste, então a chuva é fundamental. Imaginava que seria complicado conseguir as coisas aqui, que seria muito difícil, mas independente da nossa condição de migrante, a sorte também tem um lugar. Acho que cada um tem a vida que consegue... estudar, para adquirir, para tentar. Se eu não pude ter um bom estudo eu não posso ter, querer um bom emprego. É isso que eu já imaginava em São Paulo. Eu adaptei. Só a temperatura que eu achei complicado se adaptar. Mas já foi mais frio, hoje já tá bem equilibrado pra gente se adaptar, já foi pior naquela época né, há vinte anos era mais frio, hoje não é tanto. Só demorei pra me adaptar com o frio e com a saudade dos meus parentes queridos que ficaram lá. Alguns vêm para morar, outros vêm para ajudar as famílias de lá e voltar um dia. Eu vim pra Marília porque meu irmão já estava aqui. Eu sei que hoje as pessoas não vêm muito porque lá tá ficando bom. Tem até gente voltando (Trabalhador da indústria alimentícia nascido em Alagoas. Migrou para Marília em 1992 para estudar e hoje, trabalha como operador de máquinas. Pesquisa de Campo, 2009).

Hoje, a indústria alimentícia, além de atrair trabalhadores do chão da fábrica, desperta interesse também de mão de obra qualificada proveniente da cidade de São Paulo e sua região metropolitana. São engenheiros, administradores, consultores que se deslocam para trabalhar em Marília e retornam fim de semana para suas residências. Isso é possível devido à densificação de redes materiais que permitem a circulação da mão de obra, como por exemplo, as redes de transporte aéreo que passaram

a atender as cidades médias do interior paulista (Camilo, 2009). O depoimento abaixo materializa tais afirmações:

Eu moro em Jundiá e durante a semana eu fico num *apart* hotel em Marília. Fico a semana inteira aqui e final de semana eu vou para lá. Essa é a globalização! Minha esposa tem negócios em Jundiá e a vinda para Marília hoje é inviável, então eu viajo. Faz três anos que trabalho em Marília, na época recebi propostas de outras empresas, mas achei aqui interessante por se tratar de uma proposta que veio diretamente da diretoria (Engenheiro Químico trabalhador da indústria alimentícia de Marília, entrevistado durante Pesquisa de Campo, 2009).

O Cartograma 1 sintetiza nossas constatações de que os movimentos migratórios configurados na cidade média com perfil industrial, ocorre de maneira multiescalar, pois 55,27% dos trabalhadores das indústrias alimentícias são originários de Marília; 21,06% são de municípios que fazem parte da Região Administrativa de Marília; 13,03% são de outros estados brasileiros, tais como: Paraná, Bahia, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul e 11,78% tem como local de origem municípios do Estado de São Paulo pertencentes a outras Regiões Administrativas.

Desse modo, podemos afirmar que a cidade de Marília, por aglomerar empresas industriais de um mesmo ramo produtivo, complexificou e ampliou sua função tanto na divisão territorial do trabalho, como também na rede urbana em que está inserida e na qual mantém relações. Devido à situação geográfica da aglomeração urbana, a elaboração de estratégias de governo atuantes na esfera estadual e local, e a configuração de redes técnicas materiais e imateriais, as empresas industriais deste respectivo ramo, para permanecer e competir no mercado de concorrência global, adotou princípios da reestruturação produtiva no que concerne à gestão, à produção e às relações de trabalho, e influenciaram as instituições locais a adequar suas ações para atender aos seus interesses.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realidade apresentada neste texto, concluímos que no período atual temos a configuração de uma nova geografia industrial no território brasileiro, já que cidades localizadas em espaços urbanos não metropolitanos, que apresentam diferentes portes e funções urbanas, foram incorporadas a essa lógica produtiva, denotando novos fluxos de capital, de mercadorias, de informações e de trabalhadores que necessitam ser interpretados.

Nas cidades médias com predominância industrial, como caso de Marília/SP, atividades atreladas à configuração de circuitos produtivos complexos permitem com que movimentos migratórios ascendentes e descendentes sejam sentidos, e por tal condição, caracterizam-se como escalas importantes para entender as dinâmicas do território.

Cidades como Marília, no período da globalização, não podem mais ser consideradas como aquelas que desempenham o papel de intermediação com funções hierarquicamente definidas na rede urbana. Elas denotam novas dinâmicas e por isso, a investigação que apresentamos e outras que possam surgir se justificam.

#### 5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. **Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96**. Rio de Janeiro: IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000.

RAMOS, Edivaldo Fernandes; MATOS, Ralfo Edmundo da Silva; GARCIA, Ricardo Alexandrino. As cidades médias como nódulos de equilíbrio da rede de cidades. In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n.121, p.41-63, jul./dez. 2011.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BELTRÃO SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). **Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas**. São Paulo: UNESP, FCT, 2001. P. 609 – 643.

\_\_\_\_\_. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades**. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média: as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias de consumo final instaladas na cidade de Marília - SP**. 2011, 455 f. Presidente Prudente: PPGG/UNESP/Presidente Prudente (Tese de Doutorado em Geografia).

CAMILO, Ana Paula. Configuração territorial do transporte aéreo paulista: novas territorialidades e desenvolvimento regional. In: **Boletim Goiânia de Geografia**. Goiânia, v. 29, n. 2, p. 157 – 170, jul./dez, 2009.

DAVIDOVICH, Fany. Brasil metropolitano e Brasil urbano não metropolitano – algumas questões. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, V. 53, No.2, p. 127 -134, abril – junho, 1991.

ELIAS, Denise de Souza. Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teórico-metodológicas. In: BELTRÃO SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FRANCESCONI, LEA. **A mão de obra ocupada na atividade industrial de São José dos Campos e Jacareí: movimentos migratórios e movimentos pendulares**. 1978, 150 f. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (Mestrado em Geografia Humana).

GAUDEMAR, Jean Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br).

LENCIONI, Sandra. O processo de metropolização do espaço. Uma nova maneira de falar da relação entre metropolização e regionalização. In: SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). **Globalização e estrutura urbana**. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2004. p. 153 - 165.

\_\_\_\_\_. Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: a região na metrópole desconcentrada. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 198 - 210.

PIRES, Élson Luciano Silva. A mobilização dos territórios para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: gênese, aspectos conceituais e bases metodológicas.

In: SILVEIRA, Márcio Rogério & LAMOSO, Lisandra Pereira. *Questões nacionais e regionais do território brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, p. 83 – 103, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999. 3ª. Edição.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

SILVEIRA, Maria. Laura. Globalização, trabalho, Cidades Médias. In: **GeoUERJ – Revista do Departamento de Geografia**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 2002.

ZANDONADI, Júlio César. **Novas Centralidades e novos habitats: caminhos para a fragmentação urbana em Marília (SP)**. Presidente Prudente: FCT/UNESP/PPGG, 2008. (Dissertação de Mestrado).

Recebido em 25/03/2013 - Aprovado em 10/06/2013